www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 28.06.2014

PSICANÁLISE E A QUESTÃO RELIGIOSA: A INSIGNIFICÂNCIA DO TRIUNFO

2014

Matheus Henrique de Souza Silva
Psicólogo pela Faculdade Pitágoras de Ipatinga-MG. Especializando em Clínica Psicanalítica na atualidade: construções de Freud e Lacan pela PUC-MG, professor de Psicologia aplicada à enfermagem nível técnico no CERP-MG- J. Monlevade. Clínico em consultório particular- MedCenter Hospital Dia.

E-mail de contato:
matheushssilva@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma aposta cultural desde a construção do pensamento religioso e a tradição deste pensamento frente à psicanálise. Constituir a religião à ilusão, como uma neurose obsessiva, para Freud, ou atribuí-la ao campo do gozo paternal, na impossibilidade e no caminho do real, para Lacan, não são contribuições para se basear uma reflexão sutil, pois é, ainda, necessário ressaltar o "triunfo da religião". Pensar a religião monoteísta e, sobretudo o cristianismo como ferramenta de análise, mostra-se necessário, e para isto utiliza-se o pensamento analítico do Filósofo Luc Ferry, que comentando a psicanálise, localiza-nos em uma era da "humanização do divino", onde a construção de um representante paterno insuficiente torna-se a marca para afirmar que o discurso do triunfo, atualmente, mostra-se insignificante, e a religião torna-se nada mais do que uma aposta a uma simples fé (símbolo)

Palavras-chave: Psicanálise, religião, triunfo, Lacan

A Psicanálise aposta em um embate tradicional para com a religião, desde a sua invenção; Freud foi criado em um contexto Judeu em que seus pais o eram e lhes confiara tal condição através dos ensinamentos bíblicos e irreverência dos escritos sacros. Sempre houve o debate com a religião, sobretudo com o pastor Oskar Pfister, ao qual fraternalmente trocara-lhe cartas. A

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

religião é, também, uma marca da obra, não só Freudiana, mas de alguns comentadores que a psicanálise adverte.

Segundo Freud A religião é uma ilusão, e esta se baseia na possibilidade de se modificar o que está no campo do desejo. "Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação" (FREUD 1927 p.40). A ilusão só pode vir, para Freud, através de uma neurose obtida na infância. Inicialmente os pais são os objetos de amor o "amor primário" e no momento em que esta idéia se frustra, torna-se necessário que se crie outro ser supremo (identificação). A criação deste superior é dada pela função de se adotar ao "outro" o lugar da onipotência, da identidade, de um nome "pai". Na análise antropológica (1913), Freud já advertia para com a tradição da idéia de pai, e, sobretudo o início do pensamento religioso. A refeição Filogenética e o mito de Édipo são preponderantes neste sentido. Tomemos por base a refeição filogenética ou totêmica. Fundados pela lei e pela insubordinação, o pai, chefe do clã, expulsa os filhos, estes retornam juntos formando um suposto grupo, revoltosos, matam-no, porém o pai morto adquire uma força maior pois a culpa, falta e desamparo tomam lugar à lei imposta. "O pai torna-se mais poderoso após a morte" (FREUD, 1913 p.145). Torna-se o "Deus", um deus simbólico fortificado pelo parricídio. Uma vez construídas como ilusão, à religião, Freud não objetivava a busca por uma verdade, mas sim à obtenção de uma psicanálise que conteste e estude as afirmações "incontestáveis pela cultura" (Freud 1927 p. 44). A dialética da religião para Freud é o principio de uma tradição a este pensamento. É necessário lembrar que em 1907, Freud em "A*tos obsessivos e praticam religiosas*" abordava, não de maneira requintada, mas de uma forma unificada a idéia da neurose obsessiva, fruto da intervenção conflituosa edípica. O emprego da religião como neurose é baseá-la em uma *obsessão* do "pensamento" (Freud 1927 p.162) e não ao ato. O *neurótico* pensa sem que a ação o interfira, ou seja, compreender a religião como certamente possibilidade neurótica é dotá-la de uma representação do pensamento substituto da ação. " Os neuróticos são inibidos em suas ações" (Freud 1927 p 162). E por isto os neuróticos frutos da religião, unem-se a uma mesma identificação ligada a um traço llibidinal ao objeto (pai), cujo nome "ideal do ego" é citado por Freud na representação da "psicologia de grupo e análise do eu" (Freud 1921 p. 126), ao pensar, por exemplo, a igreja.

A ilusão fruto da neurose é o que faz Freud afirmar que a religião não duraria por muito tempo, pois a criança ao crescer, não transportaria a frustração obtida pelo pai a nenhum outro ser futuramente. A neurose infantil, não duraria pelo fato de a criança dedicar-se a um objeto, que ocupe a falta e a localização paterna, porém outrora não fixaria neste, optaria por outro. A

contestação freudiana passa pela verdade, buscada pela ciência, e pelo sentido da vida, objetos da religião. A religião, com sua ilusão, forma um sentido inatingível, pode-se dizer que a psicanálise triunfaria, pois torna-se o meio de vincular o sujeito a seu ideal.

Lacan considera que é "pelo assassinato de um pai que se funda o "simbólico " o assassinato do pai é condição do gozo" (LACAN 1970 p. 126), e é pela existência da falta que se inicia a neurose. No entanto o triunfo tratado por Lacan se dá pela via da religião. Lacan, afirma "Se a religião triunfar a psicanálise fracassa. (...) A psicanálise nunca triunfaria sobre a religião, exatamente por que religião é indestrutível". Deus ocupa o lugar do real, do imprevisível, do que não dá certo, a religião é a busca por esta previsão, da resposta, do sentido, cujo "simbolismo" torna-se fator principal da crença e da fé, atributos religiosos. "A religião é pra isso, para curar os homens, isto é, para que o homem não perceba o que não funciona" (LACAN 2005 p. 73). Desta maneira podemos construir duas pontes de pensamento. A linguagem freudiana que confia no declínio da religião, libertando o homem desta fantasia, e a linhagem lacaniana que postula o triunfo da religião, já que esta "evoca" um sentido ao real(mesmo em sua impossibilidade). Lacan já assinala parafraseando *Dostoievski* que diz, "Deus está morto, tudo é permitido", com a morte de Deus/Pai, Lacan inverte "Deus está morto, nada é permitido" (LACAN 1970 p. 126). , exatamente pelo panóptico que a morte causa, atravessando o sujeito pelo seu "ideal" este é o pensamento lacaniano que "o sustentáculo da religião não é outra coisa senão aquele pai a quem a criança recorre em sua infância e "previne" o que nela pode se tornar mal estar" (LACAN 1970 p.105). É indubitavelmente encontrar na religião um representante da "falta paterna" um "nome do pai", que faz o sujeito viver no impossível, pois se está no campo do real, é satisfeito no gozo. Pensar que o divino seja este lugar para gozar, porém um gozo paterno passível de "algum sentido" e, sobretudo atingido na religião pela ordem da lei, da ilusão e de um desejo que se estende pelo símbolo maior (irrepresentável) "E o verbo se fez carne, e habitou em nós" (JO 1:14). No início era "verbo", e através dele o homem representa como, e até onde seu desamparo desejar, pois o verbo é a parte que lhe é inventada, re - significada, simbolizada: criada "porque na verdade foi à necessidade da maioria como tal, que gerou tal ideia", a religião (Lacan, 2005 p. 27).

Pensar o triunfo da religião é conduzir ao conflito percebido por Lacan à incapacidade da ciência em estabelecer sentido, tal qual, a religião o faz, "Somente agora, o cientista começa a ter crise de angustia (Lacan, 2005 p.61)". Basta se pensar no triunfo não como o fim da psicanálise, para Lacan, mas ao fato de que a psicanálise possa ou não sobreviver, ao passo que a religião sobreviverá, e alimentará de sentido o real e inatingível do sujeito.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

Pensemos, pois as referências do monoteísmo cuja sustentação se delimita principalmente ao Judaísmo que deposita sua onipotência a Moisés através das "tábuas da lei", o Islamismo que atribui a "Alá" o trono do sentido, que revelou o profeta mais importante da crença; Maomé o "escolhido" e por fim o Cristianismo que denomina a "Cristo" a imagem do poder, da lei e do exemplo ao povo de Israel. Tanto o Islamismo como o Judaísmo adquirem particularidades comparáveis à relação da "criação do pai", porém tomemos o cristianismo que é a via régia da religião na América Latina, como exemplo. Todas as principais denominações monoteístas nomeiam um "pai" simbólico para usufruir da criação de sua lei, apoiar-se à culpa que se move para seu sentido, através do dogma. O catolicismo romano representa a comunhão " o crente incorpora a carne e o sangue do salvador" (FREUD 1937 p.101), como símbolo do desdobramento da "primeira ceia", para representar a culpa, a falta e a humanização do Cristo que fora crucificado. Luc Ferry filósofo francês admite que o que se passa atualmente é a "humanização do divino" e situa que o desejo, traz o "homem para Deus" e não o contrário (FERRY, 2007 p.53), dando a possibilidade de se pensar no crescente vislumbre da religião. Basta analisar esta ideia, como apoio a um desejo impossível de dar certo, e pensar na criação do divino (pai) pelo viés lacaniano do "verbo que faz gozar". A "humanização" adotada por Ferry questiona a possibilidade de o cristianismo estar destinado a se tornar uma simples fé, "um sentimento de piedade erguendo-se no pedestal da moral leiga, questionando o que viriam agora lhe emprestar o essencial do seu conteúdo concreto". É passível, no entanto comparar à morte do chefe do clã totêmico à do Judeu de Israel, cuja falta depositara aos filhos uma maior divinização do significado pai e do sentido sagrado. A compreensão do triunfo se parte, no entanto pela necessidade de que ele ocorra. Vista a religião pela tradição do prisma da psicanálise, conseguimos encontrar que o sujeito que a busca é o sujeito dotado pela falta, pelo desamparo e, sobretudo pela necessidade de um representante paterno. Para Freud, a igreja desempenha uma hierarquia que não se pode pensar em um chefe humano diferente do exército (FREUD 1921 p.106) e até mesmo da família. Certamente tem-se se destacado a esta "humanização ao divino", tornar representável o que não o é.

Pode-se afirmar que o triunfo seja uma tarefa ou objetivo da religião. A ideia da força da Psicanálise para Freud, e a religião sendo triunfal para Lacan, conota em pensar na insignificância de triunfar ou não triunfar ao antagonismo psicanálise/religião, pois o que se vê, não é o movimento contrário entre as duas éticas e sentidos, certamente a religião irá aumentar, a ilusão do parricídio existirá, e a religião se ampliará cada vez mais por oferecer sentido, porém não pela decadência da psicanálise, pois esta é a base que fundamenta o acréscimo da religião. A

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

religião promete um sujeito pleno, feliz e realizado, através da pílula pronta de existência e do sentido. A psicanálise adota a ética da responsabilização, onde o sujeito crie, elabore, refaça seu sentido, feliz ou não, triunfante, ou não. Lembra Ferry que a psicanálise não admite nenhuma outra exterioridade que não seja inconsciente. "Se, então, se puder ainda falar em transcendência (desse inconsciente com relação ao consciente) só poderá ser uma transcendência, se for possível assim, se exprimir, interna à nossa subjetividade"(FERRY, 2007 p.70). São duas éticas contrárias, porém que não morrem ou triunfam sem atravessar uma à outra. É insignificante o triunfo, frente à éticas contrárias. A saída psicanalítica pode ser a criação do sentido que atinja o impossível do real, diferente do pronto sentido ofertado pela religião, passível a todo o povo. O que busca a psicanalise não é negar o verbo, a verdade, mas fazer com que este seja obtido dito, gozado, sublimado. É pensar *este sentido como sinthome,* que pode dar certo, cuja religião o suprime, contrapondo, aí sim, a estética da psicanálise, pois o sentido precisa ser "tomado" e responsabilizado pelo sujeito e sua falta. Esta é a invenção e tradição que ainda sustenta a psicanálise.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FREUD, S. (1996). *O futuro de uma ilusão.* En: Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 21, pp. 13-63). Rio de Janeiro, Imago. (trabalho original publicado em 1927)

_____. (1996) *Atos obsessivos e praticas religiosas*. En: Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 9, pp. 107-117). Rio de Janeiro, Imago. (trabalho publicado em 1907)

_____.(1996). *O retorno do toteísmo na infância*. En: Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol.13, pp. 109-163). Rio de Janeiro, Imago. (trabalho original publicado em 1913)

_____. (1996). *Dos grupos artificiais: da igreja e do exército*. En: Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 18, pp. 105-110). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

_____. (1996). *Moisés, o seu povo e a religião monoteísta*. En: Standart brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 23, pp. 67-146). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original escrito em 1938)

LACAN J. (1969-70). *O Seminário, Livro 17 O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____.(2005) "O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos" Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

FERRY L. (2007). *O Homem Deus, ou, o sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt